

Universidade Federal de Pelotas

**Reitora**  
Isabela Fernandes Andrade

**Vice reitora**  
Ursula Rosa da Silva

**Pró reitora de ensino**  
Maria de Fátima Cossio

**Pró reitor administrativo**  
Ricardo Hartlebem Peter

**Pró reitor de gestão da informação e comunicação**  
Julio Balzano de Matos

**Pró reitora de Assistência Estudantil**  
Rosane Maria dos Santos Brandão

**Pró reitor de Extensão e Cultura**  
Eraldo dos Santos Pinheiro

**Pró reitora de Gestão de Pessoas**  
Tais Ulrich Fonseca

**Pró Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação**  
Flávio Fernando Demarco

**Pró Reitor de Planejamento**  
Paulo Roberto Ferreira Júnior

**Centro de Artes**

**Diretor**  
Carlos Walter Soares

**Diretora adjunta**  
Roberta Coelho Barros

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

**Diretor**  
Lauer Alves Nunes dos Santos

**Diretor adjunto**  
Clóvis Martins Costa

**Núcleo administrativo**  
Roberta Trierweiler

**Núcleo de Reserva Técnica e Acervo**  
Fábio Galli Alves  
Joana Lizott

**Núcleo de Programação e Curadoria**  
Adriane Rodrigues Corrêa  
André Venzon  
Clóvis Martins Costa  
Edward Pérez-Gonzalez  
Fábio Galli Alves  
Giorgio Ronna  
Helene Gomes Sacco  
Lauer Alves Nunes dos Santos  
Raquel Santos  
Renan Espírito Santo

**Higienização - SulClean**  
Carla Lima Rosa  
Lisiane Monteiro

**Segurança**  
Diones Barros  
Bruna Cabana  
Thiago Silva

**Portaria**  
Luciane Valente  
Bruno Valadão

aVACA!hARTE

Zeca Nogueira

Galerias Marina de Moraes Pires e  
Luciana Renck Reis

**Expografia**  
Zeca Nogueira e Fábio Galli Alves

**Design**  
Renan Espírito Santo

**Fotografia**  
Daniel Moura

**Pintura das Galerias**  
Márcio Vinícios Gerardi

**Montagem**  
Aderson Xavier Corrêa  
Celomar Coelho  
Rogério Müller

**Folder**  
Isabela Almeida Nogueira

**Apoio**  
SAMALG - Sociedade de Amigos do Museu de  
Arte Leopoldo Gotuzzo

Presidente Renan Espírito Santo  
Vice-Presidente Luciana Dias da Costa Vianna

### Abertura

12 de dezembro de 2022 às 18h

### Visitação

de 12 de dezembro a 21 de fevereiro

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo  
Praça 7 de Julho, 180 - Centro, Pelotas/RS

Entrada gratuita

Terça a sábado das 12h30 às 18h30



UFPEL



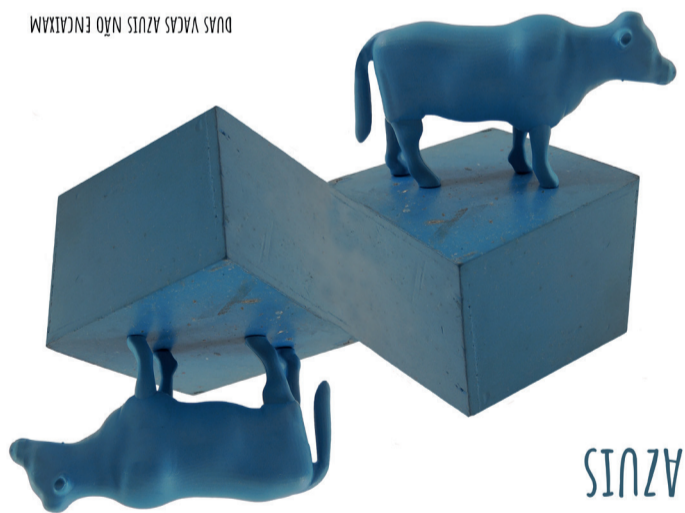
PR  
Reitoria de  
Extensão e Cultura



SAMALG  
SOCIEDADE DE AMIGOS DO MALG

Série Azuis  
Duas Vacas Azuis Não Encaixam I

DUAS VACAS AZUIS NÃO ENCAIXAM



AZUIS



Série Bois Don't Cry  
Não Adianta  
Série Bolhas  
Gado



Série Queimadas  
Fumaça no Terra (detalhe)

Zeca Nogueira

A experiência rendeu esta série de trabalhos feitos com a alegria de uma brincadeira, como catarse em frente aos tempos difíceis dos últimos anos, e com a seriedade necessária para produzir arte.

“aVACA!hARTE” nasceu a partir de algumas obras feitas para uma mostra na Associação Rural de Pelotas, quando surgiu, quase que naturalmente, a ideia de trabalhar com a vacuinha como um personagem que pudesse se desdobrar sob inúmeras facetas, enfocando um universo de situações de nossa convivência social, política, científica, ambiental, etc.

Série Queimadas  
Fumaça no Terra (detalhe)

## Monumental miniatura da multidão: a arte de uma escritura política

– Boi da cara preta [...]; – Vaca amarela [...], a só ou em rebanho são símbolos de campo, economia, poder, gosto, cheiro e de tantas outras coisas. Enquanto extra-ordinário mundo “rural” de uma “vida de gado”, conota sentidos lúdicos e perverso humor sobre a realidade representável que a arte pode ressaltar, na melhor metáfora de “os miseráveis”, um contexto político sórdido e desumano. Pleonasma me salve, é arte... é política.

Monumental MINIATURA de uma multidão, como escola filosófica a um movimento social, A VACA LHARTE é rastro de estímulos e narrativas da condição humana atual [Brasil] que o artista interpreta e lança às nossas setecentistas percepções de mundo. Sim, somos resultados de um sujeito constituído no século XVIII, aspirantes das transformações ideológicas atualizados no caráter efêmero e global da espetacularidade contemporânea da qual, cinicamente, muitos sobrevivem.

Ecologia social do sul, de nós, de todo mundo, a obra descortina ironicamente as vidas não autônomas regidas pela repetição de um ilusório surreal instaurado. Insana

“Terra plana”, consequência de um sujeito sem memória e sem história, evidencia a ignorância replicada em modelos assumidos sem qualquer crítica, resultado dos atos desprovidos de qualquer questionamento lúcido que a trajetória humana já conquistou e/ou registrou. No conjunto, percebe-se a formação de um bando que, em si, despreza os impactos da própria força de ser coletivo e, na arrogância estúpida, constrói realidades absurdas.

Brincadeira de gente grande, existe pelo movimento da linguagem e expressão que opera, jogo entre signo visual e verbal para o sensível humano, de um todo em re—ação às suas partes e vice-versa.

Grafia fonética/semântica de uma A VACA ALIADA, que DESMATA, DESAGUA e DESERTA, no RESGUARDO de um BOICOTE, BOIDADA ou VACA GADO passível de interpretações adversas, é métrica melódica complementar à forma, cor, composição, ritmo e proporção... é escritura topográfica escultórica articulada em palavra—imagem, par realidade e imaginação convivendo com um sentido único: elevar à consciência ao que é, ou foi, ordinário da

experiência. Tipo linguagem, tem seus códigos bem definidos: diferença e repetição, relação de conjunto e unidade. Como uma escrita tridimensional, pode-se ler... vendo... circundando! Assim, Zeca Nogueira escreve desenhando — desenha escrevendo, constrói sua visualidade amparado pelos significantes da palavra em sua plástica realidade tangível, em tempo e espaço, dialogando com o melódico som do verbo, também, presentificado em matéria plástica.

Harmonia minimal da fôrma, de cheios e vazios como corpos sem órgãos, desterritorializados do seu referente [universo fantástico] e em absoluto domínio técnico, retrata a realidade vulgar esvanecida de singularidade. A composição, por atração e repulsão dos opostos em escala simbólica, explicita o caráter de monumental dessa miniatura. Pluralmente paradoxal, tanto quanto o par igual-desigual, o que se destaca mantém-se contraditoriamente homogêneo e singular, um ser-em-comum anterior a toda forma particular, porque a política é sempre coletiva. A Arte: também.

Paisagem sem território explícito acontece no “olho de um furacão” [todo siste-

ma é fechado], quase externo ao alcance; tudo está bem perto, aqui e agora, desde antes até quem sabe na palma de uma mão, na dimensão simbólica da alienação e do prejuízo social.

Para além dos vestígios, no pleno exercício do olhar fixo bem de perto, quase dentro, ou mesmo de lado ou de costas, na intensidade de cada um, ouvir-se-á perguntar – Onde estou? Na trilogia do Me voici, Vous voici, Nous voici [“Aqui estou eu, Aqui estão vocês, Aqui estamos.”] de Thierry de Duve (2000), sua resposta retórica possível terá caráter pedagógico: porque é arte, porque é filosofia, porque é de uma vida ou sobre ela.

Em consenso, a capacidade da arte de Zeca Nogueira, para desconstruir o poder da dominação, atesta o alienável das condições da existência coletiva, aqui, de um tempo perdido que não deverá voltar — jamais!

Fernando Igansi

Londres, 15 de novembro de 2022.



Série Queimadas  
Prata e Preta I (detalhe)

## Uma única figura para muitos modos de ver e muitos modos de dizer

Os artistas multimídia no geral não reconhecem as fronteiras, sejam quais forem. Transitam com fluidez pelo mundo das formas e dos sentidos sem muitas âncoras ou amarras. Navegam. E não fosse o fato de que alguns ou em alguns casos o primor do detalhamento ou do acabamento vem a ser exímio, às vezes extremo, diríamos que são experimentalistas por natureza ou direito assumido. O fato é que ocupam um lugar no mundo que nos faz ver o mundo com democrática liberdade. Se assim o quisermos ver. Justo pela liberdade, podem, esses artistas, entabular um discurso crítico veemente que nada mais pretende do que fazer ver ou que, mesmo sem pretendê-lo, o faz. E para certas visões, palavras são decorrência (como o que faço aqui) e não origem.

A exposição de Zeca Nogueira é um contínuo. Iniciou, aparentemente, no ano de 2019, quando se vivia no Brasil uma evidente onda do movimento anticência, que é tão antigo quanto a própria ciência. Os usos políticos desse movimento são históricos e,

alguns, são bem conhecidos nos seus funestos resultados como o que aconteceu nos anos de 1930, na extinta União Soviética, em consequência das teorias pseudocientíficas de Trofim Lysenko. Por um lado, milhares de pessoas morreram de fome e, por outro, centenas de cientistas que se opuseram à política stalinista baseada nessas teorias foram perseguidos e presos. Também, muitos foram mortos.

Essa exposição, a de 2019, antecedeu em alguns meses o que viria a ser uma desnecessária mortandade no Brasil. Não teriam sido quase ou mais (depende do ponto de vista dos registros) de 700 mil mortes a atingir a população se uma política de negação, desinformação e desqualificação dos conhecimentos científicos, adquiridos ao longo de uma história que nos antecede em muitos séculos, não tivesse sido forjada para ativar uma onda anticência. Essa onda, que também ocorreu em outros países, neste no qual vivemos fez parte de uma mórbida estratégia política de destruição

de bases democráticas e humanitárias, que tão penosamente se vinham construindo de 1980 ao momento do qual se fala. Não esqueçamos as devidas relações: as ditaduras ou as intenções de ditadura sempre atacam primeiramente a cultura, a saúde e a educação livres. Os exemplos transbordam da história.

A exposição de Zeca Nogueira, em 2019, não sabia o que viria nos dois anos seguintes. Mas anteviu. E continuou, desdobrou-se, multiplicou-se e fez de uma única e incansável figura o *mot* de um discurso reiterativo, às vezes direto. Um discurso que também é uma brincadeira de palavras, figuras e cores primárias (como podem ser primários os mais perversos intuitos e ações dos “tristes tiranos”) que com um humor irônico ou uma ironia humorada suprime qualquer dúvida sobre do que se está vendo e, portanto, em linguagem figurativa, do que se está falando. Assim, um elemento modular, uma vaquinha de brinquedos como os que muitos de nós deram aos seus filhos, adqui-

re uma densidade expressiva absoluta seja na repetição, na dimensão, no volume ou na combinação com outras figuras simples e diretas. Ou, ainda, na ironia do humor sem concessões, em combinação com palavras. Não se tratam de obras, senão de uma exposição que se estende no tempo, ironiza e critica a macabra e violenta trajetória daquilo que se apresentava como anticência para consumir-se no que era desde sempre: anti-humanidade.

E, por fim, o que surpreende, de fato? É que com tanta liberdade, não carece a Zeca Nogueira aquilo que Roland Barthes expressou no seu livro *O prazer do texto*: “a lógica consciente, articulada com uma delicadeza inaudita que só um vigilante trabalho poderia conseguir”. Que assim seja e não falte, a nós também, lógica, consciência e delicadeza para entender os múltiplos dizeres dessa exposição.

Francisca Ferreira Michelin  
Dezembro de 2022